

Encontro fortalece convênios e internacionalização da Universidade

O incremento da parceria entre a UERJ e a Universidade de Jaén foi um dos principais pontos tratados durante a visita em julho de delegação da universidade espanhola. O Reitor Manuel Parras Rosa e outros integrantes da instituição de Jaén se reuniram com professores e alunos dos cursos de Administração, Engenharia Civil, Artes, Direito, Psicologia e Biologia, entre outros.

> Página 6



Laboratório mapeia proteínas

O Laboratório de Micologia Celular e Proteômica desenvolve pesquisas em rede sobre proteínas concentrando suas análises nos estudos de doenças infecciosas. Uma das linhas de pesquisa está relacionada ao desenvolvimento de testes moleculares e imunológicos para diagnósticos de infecções fúngicas.

> Página 16

Direito é 1º lugar no exame da OAB

O bom resultado conquistado pela Faculdade de Direito no Exame Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil em 2011 confirma a referência do curso na formação de advogados e juristas no estado. Cerca de 60% dos bacharéis graduados na Universidade foram aprovados no exame da Ordem.

> Página 7

Equipamentos culturais do *campus* Maracanã têm localização estratégica



O aparelho cultural diversificado, formado pelo Teatro Odylo Costa, filho; a Concha Acústica; o Teatro Noel Rosa; a Galeria Gustavo Schnoor; a Galeria Cândido Portinari e oito salas destinadas à produção artística faz do *campus* um lugar privilegiado para a população que reside na zona norte e que muitas vezes encontra dificuldades para assistir a bons espetáculos.

> Páginas 8 e 9

Biologia Experimental

Pesquisa da UERJ mostra como a restrição proteica durante os períodos de gestação e lactação altera a morfologia e o metabolismo dos bebês, que ficam mais propensos a desenvolver doenças crônicas na fase adulta.

> Página 3



Registro de patentes

Programa de Inovação (InovUERJ) trabalha com a questão da propriedade intelectual para garantir a autoria de trabalhos e descobertas de pesquisadores da Universidade.

> Página 4

Medalha José Bonifácio

Ruy Garcia Marques, professor da UERJ e presidente da Faperj recebeu em agosto a honraria máxima concedida pela Universidade a personalidades brasileiras e estrangeiras que se destacaram nas áreas de ciência, educação e cultura.

> Página 5

> EDITORIAL

Inovação e pioneirismo

A Universidade como espaço de aprendizado multidisciplinar é objeto das múltiplas abordagens deste *UERJ em Questão*. No texto que apresenta os equipamentos culturais da instituição os leitores percorrem desde o segundo maior teatro da cidade do Rio de Janeiro até a oficina de instrumentos musicais – o Espaço Musikfabrik, única no gênero no estado. A graduação é abordada nesta edição na matéria sobre o curso de Direito, que obteve o melhor resultado do estado do Rio no último exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). O corpo docente e as instalações da faculdade, em especial o Escritório Modelo que serve de base para a prática forense e tem por objetivo o atendimento à comunidade carente no entorno do *campus* Maracanã, cuja renda não exceda cinco salários-mínimos, são os principais enfoques.

Os textos da área científica acompanham as atividades dos investigadores em várias áreas do conhecimento, com experiências que buscam soluções para atender demandas do cotidiano das pessoas e da sociedade. As inovações geradas no âmbito do programa InovUERJ, cujo objetivo é garantir a autoria do professor/pesquisador e também a titularidade da Universidade em projetos desenvolvidos pelas diversas equipes, é um deles. A transferência do conhecimento acadêmico por meio de revista internacional com alto fator de impacto é assunto do texto que mostra como um projeto da área de Biologia constatou que a má alimentação no período de gestação pode interferir até na terceira geração familiar. Matéria sobre o Laboratório de Micologia Celular e Proteômica, que inseriu a UERJ na única rede do País que estuda proteoma utilizando tecnologia de ponta, evidencia o período em que vivemos, identificado como “era pós-genômica”.

Outro texto reafirma que é no âmbito da Universidade que aprendemos a conviver e a respeitar as diferenças: este é o ponto central da reportagem que mostra o pioneirismo da UERJ na cirurgia de transgenitalização, com depoimentos dos professores e profissionais que acompanham as várias etapas que antecedem a cirurgia. O grupo de estudos de Urologia Reconstructora Genital (GEN) tem como proposta facilitar a inclusão social e a qualidade de vida dos pacientes.

Desejamos a todos uma boa leitura.

> PELOS CAMPUS

Universidade se prepara para o UERJ sem Muros 2011

Mais uma vez, a comunidade externa poderá ter contato com a produção acadêmica da Universidade em um dos maiores eventos da instituição: em 2011, a 22ª edição do UERJ sem Muros será realizada entre 19 e 23 de setembro reunindo apresentações de projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura. O evento anual é coordenado pelas Sub-reitorias de Graduação – SR1, Pós-Graduação e Pesquisa – SR2 e Extensão e Cultura – SR3. Os trabalhos produzidos pelos alunos ao longo de 2010 poderão ser conferidos em apresentações orais e na exposição de pôsteres, o que permite aos participantes aperfeiçoarem habilidades que muitas vezes não fazem parte do seu cotidiano – como a comunicação e a objetividade na exposição de suas ideias.

Durante o UERJ sem Muros também haverá um espaço de prestação de serviços à comunidade interna e externa, oficinas e atividades culturais. “Trata-se de evento importante tanto para a Universidade como para a sociedade. É sempre uma prestação de contas do que fazemos, vai além da formação profissional”, diz a diretora do Departamento de Desenvolvimento Acadêmico e Projetos de Inovação da SR1, professora Hilda Maria Souza. Fazem parte das atividades do UERJ sem Muros a 11ª Semana de Graduação e o Projeto Siga as Setas (promovidos pela SR1); a 20ª Semana de Iniciação Científica (sob a responsabilidade da SR2); e a 15ª Mostra de Extensão, a 22ª Feira de Prestação de Serviços, o 8º Espaço Ciência e outras atividades culturais (coordenados pela SR3).

Na Semana de Graduação, que em 2011 recebeu a inscrição de 662 projetos (20% a mais que em 2010), os visitantes conhecerão os trabalhos dos graduandos distribuídos nas modalidades Mostra de Estágios Internos, Mostra de Monografias e Projetos de



Final de Curso, Mostra do Programa de Educação Tutorial (PET) e Mostra de Inserção em Práticas Acadêmicas. Dentre os projetos, 95 foram selecionados para concorrer ao II Prêmio Fernando Sgarbi Lima, instituído pela SR1 no ano passado. No Projeto Siga as Setas, estudantes do ensino médio das redes pública e particular de ensino farão visitas guiadas ao *campus* para conhecer os espaços de atividades da Universidade.

Durante a Semana de Iniciação Científica o estudante terá a oportunidade de apresentar o resultado de trabalhos desenvolvidos como assistentes de pesquisadores docentes. Serão expostos 859 projetos de alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibiti) e voluntários e bolsistas de Iniciação Científica Júnior (IC Jr), totalizando 433 painéis e 426 apresentações orais. Os melhores trabalhos serão indicados ao Prêmio de Iniciação à Ciência.

Dos trabalhos extensionistas desenvolvidos ao longo do ano nas unidades acadêmicas e administrativas da UERJ, 384 serão apresentados na Mostra de Extensão na forma de

pôsteres e atividades culturais, que incluem apresentação teatral, exibição de cinema e exposições de obras de arte, demonstrações de canto, dança e números musicais. Na Feira de Prestação de Serviços serão oferecidos à comunidade interna e externa serviços de vacinação, de tipagem sanguínea, teste de glicemia, fisioterapia, esclarecimentos sobre doenças cardiovasculares, orientação sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), técnicas de relaxamento, entre outros. Professores e estudantes do ensino fundamental e do ensino médio estão convidados para o Espaço Ciência, que dará a eles a oportunidade de participar de experimentos nas áreas de física, biologia, matemática, educação, oceanografia, artes e engenharia. Dos projetos inscritos no II Prêmio de Extensão Professora Maria Theresinha do Prado Valladares, instituído em 2010 pela Sub-reitoria de Extensão e Cultura, cinco serão premiados.

A abertura da 22ª edição do UERJ sem Muros será com um show da Banda Casuarina, dia 19 de setembro, às 19h, na Concha Acústica. No encerramento haverá a banda Farofa Carioca, dia 23, também às 19h, no mesmo local.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitora: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Graça Louzada Reportagem: Alessandro Paciello, Ana Carina Santos, Cláudia Nunes, Janáina Soares, Karen Candido, Mariana Pelegrini e Mayana Garcia Estagiária: Layssace Prazeres Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infogloblo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



Pesquisa de Biologia aponta para os riscos da má alimentação durante a gestação

Trabalho de mestrado produzido por Eliete Dalla Corte Frantz, do Laboratório de Morfometria e Morfologia Cardiovascular e aluna do programa de pós-graduação em Biologia Experimental do Instituto de Biologia da UERJ, demonstrou que a restrição proteica durante os períodos de gestação e lactação altera a morfologia e o metabolismo dos bebês, que ficam mais propensos a desenvolver doenças crônicas na fase adulta, podendo afetar inclusive gerações seguintes, que tendem a apresentar os mesmos problemas de saúde. O resultado da pesquisa, orientada pelo professor Carlos Alberto Mandarim-de-Lacerda, foi publicado como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre no periódico *Mechanisms of Ageing and Development*, revista científica internacional com alto fator de impacto. Co-orientadora da dissertação, a professora Márcia Barbosa Aguilá comemora: “O artigo científico é uma forma de divulgarmos os trabalhos desenvolvidos no Laboratório. A publicação em revistas internacionais de grande impacto demonstra a importância do assunto, que é atual e preocupante, e traz benefícios para o programa de pós-graduação, porque competimos com investigadores de todos os países. Também é uma forma de projeção internacional da UERJ”.

A professora explica que os estudos nessa área da Biologia tiveram início depois da 2ª Guerra Mundial, quando foi detectado que crianças que nasceram



naquele período na Holanda apresentavam maior incidência de doenças cardiovasculares e morriam mais cedo na idade adulta. Para entender o que gerava essa situação, cientistas começaram a desenvolver pesquisas experimentais em animais, principalmente roedores. A dieta manipulada no laboratório da UERJ, que diminuiu a quantidade de proteína na alimentação de roedoras durante a gestação, permitiu verificar que os filhotes estavam mais propensos a desenvolver hipertensão arterial e diabetes na fase adulta porque nasciam com menos células beta que secretam a insulina. Além disso, os pequenos roedores apresentaram pré-disposição para ganhar peso, apesar de receberem uma dieta normal, porque durante a gestação foram condicionados a uma dieta restrita.

Na pesquisa de Eliete Frantz as genitoras foram divididas em dois grupos. No período gestacional, um grupo recebia alimentação normal e o outro uma dieta com restrição de 5% de proteínas. Apenas a primeira geração recebeu a dieta com restrição – as proles seguintes foram ali-

mentadas normalmente – e foram avaliados filhotes, netos e bisnetos dessas roedoras. “Quando colocamos os animais para acasalar começamos a restringir a alimentação que vai até o filhote nascer. Analisei apenas as fases iniciais da vida, não cheguei à fase adulta, que tende a piorar os resultados. O roedor desmama com 21 dias, aos três meses é considerado adulto e com seis meses, idoso. Analisei do nascimento até o desmame, ou seja, três semanas”, relata. As análises evidenciaram que na terceira geração os filhotes nasciam iguais aos animais-controle, aparentemente normais. Microscopicamente, porém, observou-se que todos continuavam com os mesmos problemas.

O pâncreas, órgão responsável pela regulação metabólica do organismo, constituiu o foco do estudo. O principal produto do pâncreas é a insulina, ligada ao diabetes, e a estrutura microscópica do seu tecido é dividida em ilhotas. “O padrão microscópico que observamos nas ilhotas dos grupos-controle corresponde a uma massa de células beta bem organizadas no centro e, na periferia, outras

células. Nos restritos da primeira geração observamos células mais desorganizadas, descentralizadas e com o diâmetro reduzido. Esse foi um padrão que se repetiu nas demais gerações”, observa a pesquisadora. Os filhotes, netos e bisnetos, de acordo com o estudo, se mostraram hipoinsulinêmicos, com ilhotas e células beta menores. Apesar de a massa corporal ser diferente nas três gerações, quando avaliada microscopicamente mostrou o mesmo comportamento.

Uma das hipóteses da pesquisa é de que o aumento da incidência do diabetes pode ser explicado pela alimentação materna, que afeta os filhotes, e estes, por sua vez, vão sofrer as consequências e reproduzir outros filhotes com alteração no pâncreas. No caso dos humanos, isso significa que “em uma população que não tem recursos para comprar carne e leite, porque a proteína ainda é cara, as pessoas compensam a alimentação com farinha e massas. Basta diminuir a proteína, que durante a gestação deve ser consumida em maior quantidade, para causar a mesma alteração verificada na pesquisa”, avalia a professora Márcia. Ela explica que disseminação de *fast foods* e de uma alimentação carente em nutrientes e muito energética também pode agravar a programação metabólica: “Isso pode ser observado nas pessoas com tendência a engordar. A explicação é que elas têm genes poupadores, pois durante a formação da fase fetal foi acostumada com pouca proteína e teve que se adaptar a esse meio”.

Projeto usa o cinema na abordagem de temas de Psicologia e Direito

Funcionar como estímulo à prática interdisciplinar, gerar espaço de debates e promover o ensino em ambiente diferente da sala de aula são algumas das propostas do projeto de extensão “Em Cine – ciclo de debates”, desenvolvido pelo Programa de Formação em Direitos da Criança e da Juventude (Pró-Adolescente), do Instituto de Psicologia da UERJ. Criado em 2003 exibe a cada mês filmes com temas da área da psicologia jurídica, como adoção, políticas públicas, direitos humanos e violência contra crianças e adolescentes. Em seguida à exibição dos filmes acontecem debates com profissionais convidados pela equipe do Programa.

O Em Cine recebeu esse nome como analogia ao vocábulo



CICLO DE DEBATES

‘ensine’. Segundo Christine Vieira Pereira, membro da equipe do Pró-Adolescente, essa identificação se baseou na retomada da ideia de resgatar formas distintas de ensino usando meios diversos: “O cinema é um dispositivo interessante porque permite discussões sobre o nosso momento social, histórico e cultural e, ao mesmo tempo, apresenta aos participantes outro olhar sobre um tema específico”. Assim, o Em Cine procura alternar filmes que fazem parte do chamado “circuito hollywoodiano” com produções identificadas como “cult” ou alternativas. O projeto reúne hoje um acervo de 1.200 filmes que estão disponíveis para consulta no Instituto de Psicologia (sala 10.029, bloco E, 10º andar do campus Maracanã).

Os debatedores são escolhidos entre professores e alunos de pós-graduação em Psicologia Social da Universidade, educadores de outras instituições e profissionais do campo da psicologia jurídica. Debatedores e filmes são selecionados de duas formas: a partir do filme é escolhido um especialista com estudos realizados sobre o tema abordado; ou então o próprio debatedor, em virtude do mérito e reconhecimento no meio acadêmico, decide o filme que gostaria de abordar. O público não está restrito à área da Psicologia: “As pessoas frequentam o Em Cine tanto para aprendizagem como experiência pessoal. Algumas vezes, uma parte do público é formada por pessoas diretamente envolvidas com o assunto”, comenta Christine. O Ciclo de Debates acontece toda última quarta-feira do mês, na sala 10.030, bloco D, 10º andar. Informações pelo telefone 2334-0872 ou pelo e-mail proadol@uerj.br.

Inovação

Projeto defende a titularidade no registro de patentes

Instituído em 2000 por meio de Ato Executivo da reitoria com o nome de Programa de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (PITT), o programa de inovação tecnológica da Universidade (que desde 2004 passou a se chamar InovUERJ) antecedeu o texto legal federal específico para o setor (Lei nº 10.973, de 2004). “Fomos o segundo núcleo a trabalhar com propriedade intelectual no Brasil: o primeiro foi o Rio Grande do Sul. O mote da Lei de Inovação é garantir a autoria de qualquer ente físico ou jurídico que tenha inventado alguma coisa a transferir para a sociedade”, relata a professora Marinilza Bruno de Carvalho, coordenadora do programa. A Lei de Inovação reúne centros de pesquisa de empresas e instituições de ciência e tecnologia no desenvolvimento de pesquisas em conjunto que, ao fim, geram produções em sistema de co-titularidade.

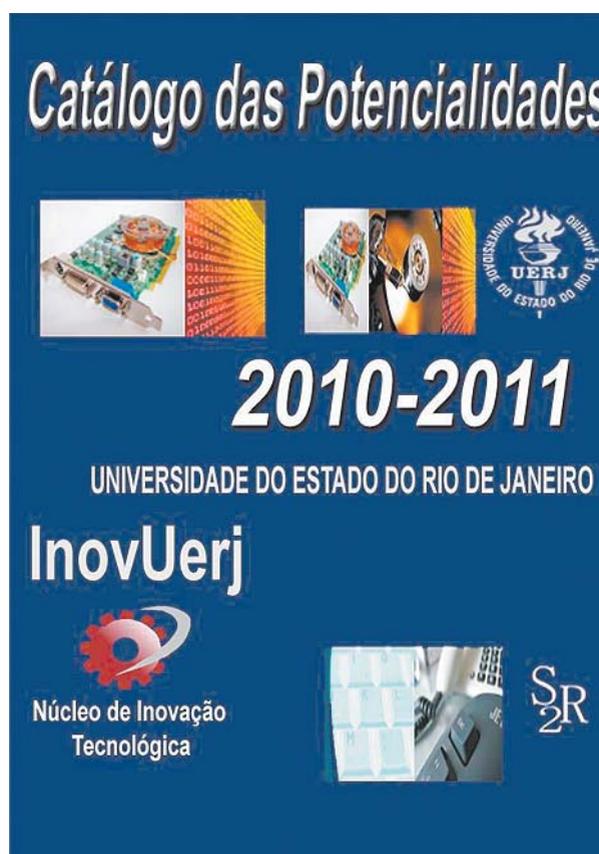
Isso é importante porque quando o projeto envolve uma instituição, cabe a esta a sua titularidade. Primeiro é analisado o objetivo da patente (inovação, invenção, marca, desenho industrial e designação de origem, já que há diversos tipos de proteção), em seguida o seu autor é identificado, a proteção registrada e verificados quais serão os benefícios para a sociedade. O principal propósito do programa é criar soluções para questões atuais. A equipe do InovUERJ

analisa projetos, pesquisadores envolvidos e inovações geradas para garantir a autoria do professor/pesquisador e a titularidade da Universidade. A cada semestre é realizado um seminário sobre propriedade intelectual específico para os centros setoriais.

Patentes

Ao longo dos seus onze anos de atuação, o programa investiu na necessidade do registro de patentes, de início rejeitada pela academia: “Pensava-se que só dizia respeito a dinheiro. Tivemos que trabalhar essa questão explicando o conceito. O mais importante da patente é o contrato de garantia da autoria, do autor com o governo. Em contrapartida, o autor é obrigado a escrever um relatório detalhado que se torna público. O banco de patentes é o melhor documento de estudo porque tudo o que precisamos saber se existe no mundo está lá.” Mesmo assim, a coordenadora do InovUERJ diz que o número de consultas ao banco ainda pode ser considerado baixo em termos gerais. Na UERJ, todos os professores podem consultar o banco da Capes, mas poucos o fazem, ainda que seja importante realizar uma busca prévia para conhecer o que já existe antes de iniciar um projeto ou pesquisa.

Em termos gerais, a área jurídica ainda está pouco familiarizada com o assunto e muitas dúvidas persistem. Para avançar neste ponto, no início



de 2011 foi organizada uma oficina com a participação de procuradores da República para analisar as barreiras da propriedade intelectual nas instituições de ciência e tecnologia. O InovUERJ conta agora com um consultor da Faculdade de Direito, doutor em propriedade intelectual, e com isso tem conseguido dar mais agilidade aos processos de patentes, cujos contratos podem ser de diversos tipos. Um deles transfere a patente da pesquisa para a empresa e esta paga *royalties* à universidade pela transferência. Outro tipo consiste em parcerias com empresas para o desenvolvimento de determinado produto. Neste caso, a titularidade pode ser compartilhada ou repassada para a empresa. Há também o contrato que determina que,

quando o produto chega ao mercado, a instituição pesquisadora recebe *royalties* por um período determinado. Se alguma coisa for produzida na Universidade, por exemplo, a autoria é do pesquisador e a titularidade da UERJ. Em caso de comercialização, dois terços ficam na Universidade (um terço para o departamento ao qual o projeto está vinculado e um terço para a administração central) e um terço para o autor. Caso a patente tenha sido desenvolvida por um aluno, a titularidade também é dele e quando for de servidores a UERJ paga o custo do registro.

No endereço oficial do InovUERJ, em <http://www.sr2.uerj.br/pitt/>, os pesquisadores podem consultar o andamento de todos os processos de patente. Ali também es-

tão disponíveis os três catálogos produzidos pelo núcleo, referentes aos períodos de 2005-2006; 2007-2008 e 2010-2011, que reúnem os campos de potencialidade da Universidade. Na composição dos dois primeiros catálogos, a equipe distribuiu questionários entre os professores/pesquisadores, mas o índice de retorno foi considerado baixo. Por isso, a metodologia da coleta de informações foi alterada em 2010: “Resolvemos buscar os projetos na plataforma Lattes, com a captação dos currículos de todos os docentes da UERJ”, diz a professora Marinilza. A compilação durou cerca de quatro meses, resultou em um documento de 1.574 páginas, cujo conteúdo foi inicialmente transferido para pen-drives em arquivos formato PDF (foram produzidos cinco mil). Agora a pesquisa dos projetos de docentes da Universidade pode ser feita tanto usando os pen-drives como via sistema, por área, unidade, nome do professor e palavras-chave. Além do catálogo, o InovUERJ elabora a cada ano um relatório com os resultados alcançados.

O núcleo de inovação da Universidade ainda apoia projetos como o Avenida Brasil Digital, de rede sem fio ao longo da via, em parceria com a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, e organiza oficinas de capacitação, gestão (incluindo articulação com outras entidades) e desenvol-

vimento tecnológico. O grupo é requisitado com frequência para construir *sites* e gerenciar sistemas de inscrições online. Outra parceria que começa a ser construída envolve trabalho conjunto com o governo do estado, localizado nas áreas das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs): “Vamos levar a metodologia da tecnologia social com base em três células: um diagnóstico elaborado a partir da aplicação de questionário; uma proposta de intervenção e a avaliação da iniciativa. Isso permitirá o registro das mudanças provocadas no local, sejam elas quais forem,” diz a professora Marinilza. Na comunidade da Maré, por exemplo, constatou-se a necessidade de cursos de informática, construção civil, corte e costura e culinária. Neste caso, a UERJ vai atuar nas áreas de informática e de construção civil.

Uma pesquisa com cascas de uva, desenvolvida pelo professor da UERJ Roberto Soares de Moura, atual Reitor da Uerj, resultou em substância que atua no tratamento da hipertensão serve como exemplo do funcionamento do processo. A patente da substância foi transferida para o laboratório Aché, que incluiu o remédio na sua linha de produção. Com o produto novo no mercado ganha a empresa e a Universidade, que além de ter seus pesquisadores com autoria identificada, recebe *royalties* pelo projeto.

Extensão

Evento mobiliza a Faculdade de Tecnologia em Resende

A integração da Química e da Engenharia de Produção com o meio ambiente, esclarecendo e valorizando a importância de uma atuação responsável com ênfase em uma produção mais limpa está entre os objetivos da Semana da Produção da Faculdade de Tecnologia da UERJ (FAT). A Produfat 2011: inovação e sustentabilidade será realizada entre 29 de agosto e 2 de setembro no *campus* regional de Resende. Esta é a quarta edição do encontro que acontece anualmente e apresenta como tema questões relacionadas à tecnologia e ao meio ambiente.

Segundo a sua organizadora, professora Elaine Tôrres, a ideia da Produfat surgiu pela necessidade de agregar eventos que aconteciam isoladamente na Faculdade de Tecnologia. Por isso, acontece junto com a IV Produfat a II Semana da Mecânica, a IV Semana da Produção e da Física e a VI Semana da Química.

A Semana da Produção reúne especialistas de diversas áreas do conhecimento e de várias instituições de ensino. São realizados minicursos nas áreas de desenvolvimento sustentável, energia, física e matemática; palestras; visitas

técnicas a empresas da região e atividades direcionadas a alunos do ensino médio, como a visita ao Laboratório de Tecnologia Ambiental, onde os alunos podem conhecer as mini usinas de biodiesel e de tratamento de água, e frequentar cursos voltados para a construção de equipamentos: “A adesão é muito grande. Fazemos essas atividades e também visitas ao *campus* de Resende como forma de incentivá-los

a serem nossos futuros alunos”, diz a professora Elaine Tôrres. A expectativa para 2011 é de que

um maior número de escolas públicas estejam presentes. Professores com projetos que receberam recursos de editais da Faperj, que apoia o encontro, terão gratuidade na inscrição e nos minicursos.

As inscrições estão abertas e podem ser feitas também na semana do evento. Mais informações estão na página oficial da instituição em <http://www.fat.uerj.br/> e podem ser obtidas também pelos telefones (24) 3381-2829 e (24) 3381-2889, ramal 225. O *campus* está localizado no quilômetro 298 da Rodovia Presidente Dutra, sentido Rio – São Paulo, no Polo Industrial de Resende.



PRODUFAT
2011

Presidente da Faperj recebe Medalha José Bonifácio

Em sessão solene na Capela Ecumênica e na presença de autoridades, médicos, amigos e familiares o professor Ruy Garcia Marques, da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ e presidente da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa (Faperj), recebeu o título de Grão-oficial da Ordem do Mérito José Bonifácio, honraria máxima concedida pela UERJ a personalidades brasileiras e estrangeiras. A cerimônia de concessão do título, no dia 11 de agosto, serviu como forma de reconhecimento e “meta-homenagem”, nas palavras do Reitor Ricardo Vieiralves durante a abertura do evento, pela longa trajetória do professor na Universidade. O Reitor também lembrou a origem interiorana do homenageado como fonte de uma personalidade “de indivíduo desenraizado, cidadão do mundo e, por isso, capaz de pensar a ciência de forma mais ampla, capaz de contribuir com a humanidade”.

Nascido em Bom Jesus de Itabapoana, interior do estado Rio, graduado pela Faculdade de Ciências Médicas da UERJ em 1978, com residência médica realizada no Hospital Universitário Pedro Ernesto, o professor Ruy Garcia Marques tornou-se médico do Hupe e professor adjunto da Faculdade na qual estudou. Foi coordenador da disciplina de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental e coordenador adjunto do Programa de Pós-graduação em Fisiopatologia e Ciências Cirúrgicas. “Agora o senhor tem algo a acrescentar em sua história com a Universidade: faz parte da Ordem do Mérito José Bonifácio”, acrescentou o Reitor na sua saudação.

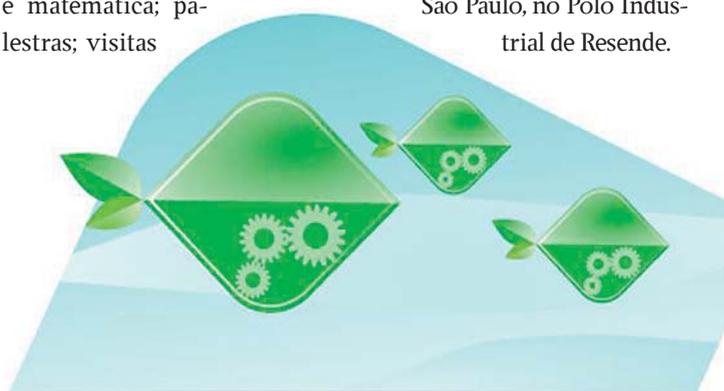
Ruy Garcia Marques disse em seu discurso ser “apaixonado” pela medicina e pela prática do



ensino, agradecendo aos professores e mestres que fizeram parte da sua formação. A admiração por eles, a influência do pai farmacêutico e a certeza de que seria cirurgião o levaram a especializar-se em cirurgia geral pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões, cursar o mestrado em Cirurgia Gastroenterológica, fazer o doutorado em Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental e obter o título de pós-doutor na Medical University of South Carolina, nos Estados Unidos, no serviço de transplante de órgãos. Emocionado, o professor chegou citou seus pais com a voz embargada, no início do seu discurso: “Meu pai ficaria muito orgulhoso de estar aqui. Criar quatro filhos não foi uma missão fácil para a minha mãe, por isso a agradeço”. Sentada na

primeira fila da plateia, a mãe do homenageado, Leda Garcia Marques foi chamada pelo Reitor no momento da outorga do título, juntamente com a presidente do Conselho Estadual de Medicina, Márcia Rosa de Araújo, amiga e colega de turma de formandos de 1978, para fazer a entrega do certificado ao novo Grão-oficial.

Na presidência da agência de fomento do estado do Rio de Janeiro desde 2007, o professor Ruy tem sido responsável por investimentos significativos nas instituições regionais de ensino nos últimos quatro anos. “Tenho orgulho de vivenciar a fase que a Faperj atravessa hoje, em especial por estar com todos os seus compromissos junto aos pesquisadores e projetos de pesquisa rigorosamente em dia”, declarou.



Institucional

Delegação da Universidade de Jaén, na Espanha, visita a UERJ

O fortalecimento do processo de internacionalização entre as universidades foi um dos principais pontos tratados durante a visita de três dias à UERJ, entre 6 e 8 de julho, da comitiva da Universidade de Jaén. O Reitor espanhol disse que “em Jaén estamos convencidos de que devemos apostar na mobilidade internacional. O intercâmbio nos permite ter vontade de aprender outra cultura e idioma (outra forma de entender a vida) e também de crescer como universidade”. Ele destacou que a intenção é de que a parceria entre a UERJ e Universidade de Jaén não fique restrita aos estudantes, mas seja estendida a docentes e profissionais que queiram trabalhar com as duas instituições. Acompanharam o Reitor Manuel Parras Rosa na visita a Vice-reitora de Internacionalização, Victoria López Ramón, o diretor do Secretariado de Programas Internacionais e Mobilidade, Sebastián Cámara, e alguns professores. Eles visitaram o *campus* principal da Universidade e se reuniram com o Reitor Ricardo Vieiraves e com representantes do Departamento de Cooperação Interna-



“O intercâmbio nos permite ter vontade de aprender outra cultura e idioma (outra forma de entender a vida) e também de crescer como universidade”

mento de Cooperação Internacional, professores do curso de mestrado em Administração e alunos de Engenharia Civil, Artes, Letras, Engenharia Química, Ciências Atuariais, Direito, Psicologia e Biologia.

O diretor de Programas Internacionais e Mobilidade apresentou as instalações da Universidade de Jaén, que possui cerca de 18 mil estudantes, 1.100 professores e 500 estudantes de intercâmbio de 32 países. Segundo Sebastián Bruque Cámara, o sistema de ensino em Jaén é parecido com o brasileiro, com aprendizado intensivo em sala de aula, sem

deixar de lado a parte prática. Além de aprofundar o domínio do idioma espanhol, os alunos de intercâmbio podem estudar gratuitamente outras línguas, como inglês, alemão e francês. Para participar do intercâmbio, os estudantes da UERJ devem ter coeficiente de rendimento acima de oito, comprovar baixa renda e bom conhecimento de espanhol, entre outros critérios. As vagas são definidas com base em seleção feita em duas etapas: pelo centro setorial ao qual estão vinculados os candidatos e pelo Departamento de Cooperação Internacional da Universidade. Os selecionados recebem ajuda

de custo de 2 mil euros para um período de intercâmbio que varia de seis a dez meses.

No último dia do encontro, o Reitor Manuel Parras Rosa fez uma palestra intitulada *La oleicultura mundial en proceso de cambio*, em mesa coordenada pelo Reitor Ricardo Vieiraves. Na sua palestra, Parras Rosa destacou que 5,45 milhões de hectares são destinados ao cultivo de oliveira na União Europeia e que a Espanha é o maior produtor de azeite do mundo, com 2,28 milhões de hectares cultivados. A província de Jaén destina 590 mil de hectares ao cultivo da oliveira, o que representa 20%

“A intenção é de que a parceria entre a UERJ e Universidade de Jaén não fique restrita aos estudantes, mas seja estendida a docentes e profissionais”

da produção do país. “Nosso país é líder na produção mundial de azeite, o que tem uma vantagem e uma desvantagem: se a produção do azeite de oliva vai bem, a província de Jaén vai bem. Se vai mal, Jaén vai mal. Por isso, a Universidade de Jaén pesquisa, forma especialistas e incentiva cooperações que propiciem inovação nesse setor,” afirmou o Reitor. No Brasil, o consumo de azeite cresceu nos últimos dez anos: de 13,5 mil toneladas em 1990/1991 para 51 mil toneladas em 2010/2011. No resto do mundo, o consumo que era de 1,6 milhão de toneladas avançou para 2,9 milhões no mesmo período.

Depois da palestra, o aluno do Instituto de Biologia da UERJ Clayton Portela de Souza recebeu oficialmente das mãos do Reitor da Universidade de Jaén o diploma de melhor estudante Erasmus (estudante estrangeiro de mobilidade internacional) em 2010. “Fico orgulhoso por fazer parte da história da UERJ e, principalmente, por ter vivido um ano da minha vida na Universidade de Jaén”, declarou o estudante.

Excelência docente e prática discente mantêm a Faculdade de Direito entre as melhores do país

O primeiro lugar obtido pelo curso de Direito da UERJ, entre as universidades do estado do Rio, no Exame Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB 2011) reafirma a história de 76 anos de um curso considerado referência nacional na formação de advogados e juristas brasileiros. Quase 57% dos bacharéis formados na Universidade foram aprovados no exame da Ordem, o que colocou a UERJ à frente de outras instituições públicas (UFF, Unirio e UFRJ) e particulares (como PUC e Fundação Getúlio Vargas).

Este é um dos bons resultados conquistados pela Faculdade de Direito. No Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade, sistema de avaliação instituído em 2004 pelo Ministério da Educação, o conceito do curso tem variado entre 4 e 5. O seu programa de pós-graduação tem conceito 6, numa escala em que o conceito 7 é o grau máximo. “Nenhum curso do país tem conceito 7 e pouquíssimos têm nota 6. O exame da OAB tem se tornado mais exigente a cada ano. É preciso dizer que aqui os alunos não fazem uma preparação especial para o exame da Ordem. Eles fazem a prova, é uma consequência natural. O resultado é bom, mas temos condições de ir além”, avalia o diretor da Faculdade,



professor Antônio Augusto Madureira de Pinho. A base da excelência do curso, segundo o diretor, está na graduação: “Atrairmos muitos candidatos no vestibular pela nossa tradição. A relação é de 13 candidatos por vaga. Temos um corpo discente excelente e o empenho do corpo docente em estimular e manter essa excelência”.

O curso de Direito investe em pontos essenciais para manter a qualidade de desempenho dos seus estudantes. Os professores exigem dos alunos, desde os semestres iniciais, o exercício permanente da pesquisa e do estudo. A Fa-

culdade reúne juristas de carreira e com reconhecimento nacional, muitos deles ex-ministros, desembargadores, procuradores, promotores e defensores públicos, a maioria atuando na graduação. Fazem parte do quadro docente do curso, por exemplo, os ministros Joaquim Barbosa e Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal (STF), e o ex-governador do Rio de Janeiro Nilo Batista. O diretor da Faculdade destaca o efeito simbólico da presença desses profissionais na docência do curso: “Eles têm muita influência na formação dos alunos pelo caráter exemplar do profissional bem sucedido”.

Outro ponto que reforça a qualidade do ensino é a sua concepção humanista, com a preocupação em oferecer aos alunos, além do conhecimento técnico, uma formação reflexiva e crítica da sociedade considerando que um bacharel de Direito precisa conhecer as instituições que são a base da sociedade para poder ajudar a transformá-las. Na área do Direito, tal formação é fundamental para qualquer profissional se posicionar diante da vida e do mercado.

Em relação à formação técnica, o Escritório Modelo constitui outro ponto a ser destacado: todos os alunos de graduação, do 7º ao 10º período, são obrigados a estagiar no Escritório para ganhar experiência e vivência sobre todos os trâmites de um processo jurídico. “Desde o início do curso, ainda no ciclo básico, os alunos têm disciplinas técnicas do Direito. Para conhecerem e adquirirem experiências processuais, eles passam pelo Escritório Modelo”, explica Madureira de Pinho. O Censo de 2011 realizado junto aos estudantes da Faculdade mostra que 55% de seus alunos são mulheres; 20% tem menos de 20 anos; 80% considera o curso de Direito da UERJ superior aos de outras universidades do Rio de Janeiro; e 8,0 foi a nota atribuída ao curso.

ESCRITÓRIO MODELO FAZ DIFERENÇA PARA OS FUTUROS ADVOGADOS

Criado em 1979, o Escritório Modelo da Faculdade de Direito opera em três campos jurídicos: cível, trabalhista e criminal. Instalado no *campus* Maracanã, seu público é formado por moradores dos bairros e comunidades dos arredores da Universidade com renda familiar abaixo de cinco salários mínimos pode ser atendido gratuitamente pelo Escritório. Segundo a coordenadora geral Sandra Weissblum, a localização e perfil de público do Escritório gera uma demanda de processos dos mais diversos tipos, que ela calcula em torno de 4.200 em andamento. Os estagiários devem cumprir quatro períodos de 90h por semestre, durante dois anos. Isso faz com que existam quase 240 estagiários por área jurídica com acesso a todas as etapas de execução dos processos: atendimento ao público, identificação do tipo de peça

processual, redação e argumentação, trâmite nos fóruns, participação em audiências e acompanhamento dos processos *in loco*. “Os alunos passam pelas três áreas do Escritório em cada semestre e escolhem uma com a qual se identifiquem para permanecer um segundo período”, explica Gabriela Tepedino, uma das coordenadoras da área cível.

O trabalho dos estagiários é orientado e acompanhado de perto por professores coordenadores e pelos residentes jurídicos (advogados aprovados em concurso anual para atuarem no Escritório Modelo). O sistema inovador de residência jurídica foi implantado em 2000 e até hoje é único entre as universidades brasileiras. Os advogados residentes estão subordinados aos coordenadores das áreas, são responsáveis pelos processos e clientes e trabalham diretamente com os estagiários.

Depois de dois anos de atuação no Escritório, o residente recebe o título de pós-graduação *lato sensu*. O reconhecimento nacional do Escritório Modelo da UERJ pode ser medido pela procura de advogados de todo o País nos períodos de inscrição e seleção para a residência jurídica: em 2010, por exemplo, foram cerca de 650 concorrentes para 20 vagas. “Nosso edital de 2011 deve ser lançado em agosto e o período das provas será em outubro”, informa a coordenadora Sandra Weissblum.

Em relação aos estagiários, ao fim de dois anos de prática eles podem se submeter a uma aferição oral feita por uma banca de professores da UERJ e por um representante da OAB. Se for aprovado, recebe da Ordem um certificado de validação dos seus dois anos de estágio. Entre os professores coordenadores, Weissblum diz que 99% são ex-alunos da

UERJ, que passaram pelo Escritório Modelo como estagiários e conhecem de perto a estrutura e a filosofia de aprendizado prático aplicada: “Nossos professores coordenadores são excelentes. Em 1981, por exemplo, o ministro do STF Luiz Fux foi um deles”. Jorge Otávio Gonzaga Reis, coordenador da área cível, é outro exemplo: “já participei como estagiário, compreendo o mecanismo. É interessante ver os alunos fazendo a mesma coisa que eu fazia há 10 ou 15 anos, permite diagnosticar os erros na origem e orientá-los”. Segundo o professor, a vivência da profissão pelos estagiários é o que faz a diferença, tanto no exame da OAB como na vida profissional. “Aqui eles vão aprender a ouvir as partes, vão identificar que tipo de peça jurídica é mais adequada e aprender como apresentá-la ao magistrado”, resume.

> ESPECIAL

Teatros, galerias e oficinas se destacam como espaços

Incentivar a produção e a promoção da arte e da cultura no ambiente acadêmico está entre as funções elementares da Universidade, ao lado da formação profissional, do desenvolvimento do pensamento crítico e da produção de pesquisa e de conhecimento científico. Na UERJ, as diretrizes no âmbito cultural estão a cargo da Sub-reitoria de Extensão e Cultura (SR3), que também administra os espaços existentes, abertos a esse tipo de atividades. O *campus* Maracanã dispõe de um aparelho cultural diversificado, formado pelo Teatro Odylo Costa, filho; a Concha Acústica; o Teatro Noel Rosa; a Galeria Gustavo Schnoor; a Galeria Cândido Portinari e oito salas destinadas à produção artística.

Segundo a Sub-reitora Regina Henriques, não é comum em universidades brasileiras a existência de equipamentos culturais com a qualidade dos que existem na UERJ, que também têm a seu favor a localização estratégica: “A zona norte do Rio carece de grandes salas de espetáculos e a procura por esses espaços aumentou nos últimos anos. A localização da Universidade é especial porque fica perto de meios de transporte como metrô, ônibus e trem, é muito fácil chegar aqui. Temos um lugar privilegiado para a população que reside na zona norte e que muitas vezes encontra dificuldades para assistir a bons espetáculos”. Por isso, diz a professora, a política da Sub-reitoria é de formação de público e também de oferecimento da fruição cultural para comunidades que muitas vezes não têm oportunidade de frequentar espetáculos pelo alto valor cobrado.

Entre as produções que utilizaram recentemente esses espaços podem ser citadas peças teatrais como *O Bem Amado*, *Hamlet*, *Avenida Q* e *Clarice Lispector*; espetáculos musicais como *Casuarina*, *Quarteto em Cy*, *Alcione* e *Adriana Partimpim*; além de apresentações de dança, exposições e palestras – a do dramaturgo italiano Eugênio Barba, por exemplo, que esteve na Universidade em 2008, reuniu cerca de 800 pessoas. “Quando os produtores visitam o *campus* costumam ficar encantados com nossos espaços e fazem inclusive questão de retornar”, diz Regina Henriques.

**Teatro Odylo Costa, filho**

Possui o segundo maior palco da cidade depois do Teatro Municipal. Tem 1.106 lugares, capacidade para receber grandes produções musicais e cênicas. Nos últimos três anos e meio foram feitos investimentos para qualificar ainda mais o espaço. A parceria com a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) em 2010 resultou na expansão dos camarins, ampliando ainda mais a possibilidade de o Teatro receber grandes produções. Hoje existem nove camarins completos, com chuveiro elétrico, ar condicionado e bancadas, cada um podendo abrigar mais de um artista. O Odylo Costa, filho possui agora equipamentos mais potentes de som e luz e as varas e cordas cenográficas também foram reformadas. A manutenção da estrutura do teatro é contínua, demanda investimento permanente que nem sempre é visível para quem usufrui do espaço. Seu aluguel para eventos externos ajuda a captar recursos que são utilizados na manutenção, porque um espaço do porte do Teatro exige uma equipe numerosa, com cerca de 50 pessoas, pois “um aparato dessa qualidade é dispendioso”, como avalia a chefe da Divisão de Teatros, professora Maria Lúcia Galvão.

DIVULGAÇÃO DE CULTURA / DEPARTAMENTO CULTURAL DA UERJ



de arte e cultura no *campus*



Galeria Cândido Portinari

Localizada na entrada da Universidade voltada para a Rua São Francisco Xavier, a Galeria passou por algumas alterações físicas, entre elas a modernização da refrigeração em 2008, da iluminação em 2009, a instalação de aparelhos de datashow e TVs e a mudança da posição da porta, que deixou as exposições mais visíveis ao público: “A entrada virada para a rua impedia a visibilidade de quem circula na área lateral da Galeria. Agora todos passam obrigatoriamente pela sua porta e vêem a exposição que está em cartaz”, explica a Sub-reitora Regina Henriques.

A proposta da Galeria Cândido Portinari é receber trabalhos de artistas mais maduros sem deixar de privilegiar uma linha de arte, como explica Ricardo Gomes Lima, diretor do Departamento Cultural: “O fato de estarmos em uma universidade exige um compromisso adicional, de abrirmos um leque de opções e fazer com que o espaço da Gale-

ria seja mais universal. Assim, procuramos sempre intercalar os estilos”. A média de público nas inaugurações de exposições tem sido de 200 pessoas e os trabalhos ficam expostos por cerca de 30 dias. O acesso à Galeria é gratuito para expositores e para os visitantes.

Concha Acústica

Com uso voltado para atividades culturais, a Concha possui uma tela móvel e um projetor de filmes e tem capacidade de receber 3.000 espectadores sentados. Acoplada ao Teatro, teve seus camarins reformados e o próximo passo, de acordo com a Sub-reitora, será a obra de cobertura, neste momento aguardando a autorização para a licitação. A execução desse projeto pretende reduzir a propagação do som da Concha, que pode interferir nas aulas, especialmente as do turno da noite.

Centro Cultural

Situado no último andar do prédio externo próximo ao portão 7, o Centro Cultural reúne espaços diversificados e está instalado na construção conhecida como “Prédio dos Alunos”. O Teatro Noel Rosa, com capacidade de 255 lu-

gares, possui estrutura menor que a do Teatro Odylo Costa, filho, e é adequado para produções menores. Também teve a sua infraestrutura melhorada: recebeu as mesas de som e de luz que foram substituídas no Odylo Costa, filho e as varas situadas no alto do teatro, usadas para montar cenários e *banners*, por exemplo, também foram reparadas. A Galeria Gustavo Schnoor, cujo nome é homenagem ao professor Gustavo Armando de Pádua Schnoor, que lecionou história da arte no Instituto de Artes, passou recentemente por obras de reparo na instalação elétrica e na iluminação. A característica da Galeria é apoiar projetos de artistas iniciantes. O Centro de Referência do Carnaval, a MEDIATECA Arte e Cultura, o Ateliê de Cerâmica e dois grandes salões completam o Centro Cultural, que dessa forma abriga atividades culturais e acadêmicas diversificadas – desde apresentações de grupos de choro até lançamentos de livros, exposições e atividades vinculadas a projetos de extensão. Um deles, o Espaço Musikfabrik, é desenvolvido na forma de oficinas que ensinam a arte da construção de objetos musicais a partir de sucata.

Serviços

Ouvidoria funciona como canal para agilizar a solução de conflitos

Onze anos depois da sua criação como a primeira entre instituições de ensino superior do Rio de Janeiro a criar uma ouvidoria, a UERJ mantém uma estrutura que serve como base de apoio para o recebimento de queixas, comentários e sugestões da comunidade acadêmica. No geral, os contatos contribuem para monitorar a qualidade dos serviços de atendimento dos setores administrativos e de funcionamento das unidades acadêmicas.

A relevância desse canal de comunicação entre a comunidade e a instituição pode ser verificada nos diversos casos que fazem parte do cotidiano acadêmico, como a expedição de documentos e diplomas; de prestação de serviço, como conseguir atendimento em especialidades médicas no Hospital Universitário; ou no fornecimento de orientações e informações sobre qualquer setor. Também é canal privilegiado em situações mais complexas: conflitos entre alunos e servidores; casos de assédio moral ou sexual; consumo de álcool ou drogas no *campus*; denúncias de ilícitos cometidos dentro da instituição. A ouvidoria registra e defende direitos básicos da comunidade e serve como mediadora em conflitos ao encaminhar problemas registrados e operar em busca de atendimento ou conciliação.

Segundo o ouvidor da UERJ, professor Eliel de Oliveira Larrubia, para exercer as funções de mediação que a ouvidoria exige é fundamental conhecer bem o funcionamento da estrutura ad-

ENQUETE

No mês de junho, o UERJ Em Questão fez uma enquete com 30 pessoas escolhidas aleatoriamente no *campus* Maracanã. A finalidade era saber se conheciam a ouvidoria e se já tinham utilizado os seus serviços. Dos 30 entrevistados, 19 conheciam a ouvidoria; nove nunca tinham ouvido falar e apenas dois já haviam procurado o setor para solucionar algum problema. Confira a seguir algumas das respostas:

“Nunca ouvi falar”;

“Conheço a ouvidoria, mas nunca utilizei”;

“Não conheço o serviço de ouvidoria da UERJ, mas sei para que serve uma ouvidoria”;

“Utilizei o serviço da ouvidoria há mais de dez anos, quando quis mudar de setor para ocupar um cargo que oferecia uma melhora de salário, mas minha chefe na época não queria me liberar. Em 48 horas o problema foi resolvido e eu pude ser transferida”;

“Já ouvi falar na ouvidoria e sei para que serve, mas nunca precisei acioná-la”;

“Não sei o que é uma ouvidoria”.

ministrativa da Universidade e do setor público, além de ter habilidade no trato das relações humanas: “Há sempre a necessidade de escutar, dialogar, entender os conflitos existentes e tentar resolvê-los da melhor maneira possível”. A equipe da ouvidoria é constituída pelo ouvidor e dois assessores técnicos que dominam os procedimentos administrativos e estão aptos para responder diversas questões. Por definição, a ouvidoria é órgão “promotor do direito administrativo”, que recebe reclamações, sugestões e denúncias feitas pelo público interno e externo da Universidade; informa e orienta sobre os direitos dos usuários que a procuram; e avalia o funcionamento de todos os setores da Universidade.

Tais atribuições só podem ser cumpridas se o órgão funcionar autonomamente, conforme está garantido no Ato Executivo de sua criação (AE 002/2000): “A Ouvidoria terá plena autonomia fun-

cional no exercício de suas atribuições, de forma independente de sua vinculação administrativa formal”. Números publicados pelo DataUERJ 2011, os atendimentos prestados pela ouvidoria em 2010 foram principalmente de resposta a solicitação de informações (48,1%), seguidos pelo registro de reclamações (33%). Denúncias e casos mais graves são raros: em 2010 somaram 17, o equivalente a 1,8% dos atendimentos, e nem todos se confirmaram como procedentes.

Eliel Larrubia explica que é preciso compreender que a ouvidoria não julga ou resolve problemas. Sua ação, a partir do recebimento de reclamações ou denúncias, é “mobilizar recursos e setores responsáveis para solucionar as questões e levar respostas aos usuários que apresentaram a demanda, depois de verificada se é procedente”. Por meio do mapeamento das mensagens recebidas a Ouvidoria pode detectar com rapidez

problemas nos diversos setores: “Se recebemos repetidamente determinada queixa, podemos contatar o setor responsável, auxiliar na identificação do problema e tentar encontrar soluções”, diz Eliel. Em algumas circunstâncias, a ouvidoria pode ser um instrumento valioso de monitoramento: “É fato que a insegurança está próxima do espaço físico da Universidade. Se o aluno ou servidor que é assaltado ou sofre algum tipo de violência nos arredores do *campus* registrar essa informação na ouvidoria teremos dados que serão encaminhados à prefeitura do *campi* para que esta possa avisar aos órgãos responsáveis a necessidade de medidas de segurança na região”, exemplifica o ouvidor.

Os motivos que levaram à criação de uma ouvidoria interna foram os mesmos que deram origem ao estabelecimento desse setor na maioria das organizações de grande porte, públicas ou privadas. Surgidas no Brasil durante a década de 90 representam hoje uma tendência universal. De modo geral, recebem reclamações sobre o funcionamento de serviços, ainda que as ouvidorias das universidades trabalhem com questões específicas, relativas a características próprias que envolvam docentes, técnico-administrativos e alunos. O atendimento na ouvidoria da UERJ é feito de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Os contatos podem ser feitos no endereço <http://www.ouvidoria.uerj.br/>; pelo e-mail ouvidoria@uerj.br e pelos telefones 2334-2511; 2334-0224 e 2334-0418.

MANIFESTAÇÃO	RECLAMAÇÃO	SOLICITAÇÃO	DENÚNCIA	ORIENTAÇÃO	SUGESTÃO	INFORMAÇÃO	ELOGIO	TOTAL
COMUNIDADE INTERNA								
ALUNO	72	37	5	3	1	63	-	181
PROFESSOR	9	2	-	1	-	1	-	13
FUNCIONÁRIO	26	5	5	1	-	3	-	40
SUBTOTAL	107	44	10	5	1	67	-	234
COMUNIDADE EXTERNA *								
SUBTOTAL	206	84	7	13	6	389	8	713
TOTAL	313	128	17	18	7	456	8	947
PERCENTUAL (%)	33	13,5	1,8	1,9	0,7	48,1	0,8	100

* Prestadores de serviços, usuários dos serviços da universidade (incluindo aqueles que utilizam o atendimento do Hospital Universitário Pedro Ernesto, Policlínica Piquet Carneiro e clínica odontológica da Faculdade de Odontologia); cidadãos que encaminham demandas para os demais órgãos do estado, às instituições privadas e de defesa do consumidor.

UERJ e ALERJ promovem encontro para discutir políticas para veículos elétricos

Organizado conjuntamente pela Universidade, pela Assembleia Legislativa do Estado e pela Associação Brasileira do Veículo Elétrico, o Rio sediou no dia 20 de junho o encontro “Veículo Elétrico e Políticas Públicas”. O convidado internacional e principal palestrante foi o suíço Robert Stüssi, presidente da Associação Portuguesa do Veículo Elétrico. Stüssi, que também é urbanista, especialista em transportes e mobilidade e ex-presidente das associações europeia e mundial de veículo elétrico, falou sobre as experiências com esse tipo de transporte nos países europeus, principalmente em Portugal. Ele destacou que na Europa muitos países concedem incentivos de até 5 mil euros para a compra dos veículos. A previsão, segundo o especialista, é de que em dez anos a venda de veículos elétricos naquele continente corresponda a 30% do total de carros vendidos. Citou como referência medida adotada na Áustria, que não considera o tipo do carro, mas a redução de dióxido de carbono para financiar projetos.

Em Portugal, segundo o urbanista, também há incentivos para os veículos elétricos: o país possui boa quantidade de energia renovável, o governo tem simpatia pelo assunto, a legislação está desenvolvida e os impostos são reduzidos. Portugal possui inclusive um plano de infraestrutura elétrica cuja meta é chegar a cerca de 1.300 eletropostos (onde é possível recarregar os veículos usando energia solar) até 2012. A única crítica de Stüssi é a intenção de instalar metade desses postos na capital Lisboa, quando “o ideal seria espalhá-los pelo país”.

Na opinião do consultor, o mais importante agora é inten-

sificar esforços de conscientização, principalmente junto aos jovens. Ele completou a sua apresentação com alguns números e curiosidades do setor, entre os quais o resultado de pesquisa feita nos Estados Unidos indicando que 60% das pessoas não sabem o que é um carro elétrico dez anos depois da sua introdução no país, enquanto na China a produção de bicicletas elétricas chega a 22 milhões de unidades por ano. Entre as queixas sobre o desempenho dos carros elétricos ele citou a autonomia de rodagem, que chega em média a 150 km – mesmo que na Alemanha os usuários desse modelo percorram diariamente apenas 50 km, bem abaixo da capacidade do veículo.

Como primeiro resultado do encontro no Rio (do qual também participaram o presidente do conselho diretor da Associação Brasileira do Veículo Elétrico, Jayme Buarque de Hollanda, e os professores da UERJ José Marcos Domingues e Luiz Artur Pecorelli Peres), o deputado estadual Alcebiades Sabino dos Santos anunciou que irá propor a criação de uma frente parlamentar de apoio a iniciativas de comercialização de veículos elétricos no Rio de Janeiro. Segundo o deputado Sabino, a Assembleia Legislativa pode incentivar programas para a implementação do uso desse tipo de transporte no estado. Para os especialistas, pelos menos dois fatores contribuem para a fabricação e a comercialização de carros elétricos no Brasil: é veículo que gasta um terço da energia de um carro convencional para percorrer o mesmo trajeto; a matriz energética brasileira baseia-se na energia hidrelétrica, que além de abundante é uma fonte limpa.

EdUERJ

Lançamentos da Editora

MEDIAR, MEDICAR, REMEDIAR – ASPECTOS DA TERAPÊUTICA NA MEDICINA OCIDENTAL

Jane Dutra Sayd

Resultado de tese de doutorado em saúde coletiva defendida no Instituto de Medicina Social, o livro se propõe a uma historicidade da terapêutica na medicina ocidental ao

identificar trajetos desde a Grécia mitológica até as primeiras décadas do século XX. A autora analisa criticamente aspectos práticos e simbólicos dos usos terapêuticos dos

remédios ao pontuar suas diversas implicações culturais, éticas e sociológicas.



DESCOBRINDO O BRASIL

José Luis Jobim e Silvano Peloso (org.)

Fruto do acordo de cooperação científica entre a UERJ e a Universidade La Sapienza, de Roma, este volume faz uma revisão historiográfica sobre formas de

sentir, escrever e pensar o Brasil. Traz recortes da ideologia do padre Antônio Vieira, aborda a língua brasileira, a filosofia, a literatura e movimentos culturais.

É constituído por artigos com diferentes percepções sobre o País em diversos momentos de sua história.



ANTÔNIO VIEIRA – 400 ANOS

Ana Lúcia M. de Oliveira (org.)

Editado com apoio da Faperj, agrupa os textos apresentados durante o Congresso Internacional Antônio Vieira, que encerrou as comemorações do quarto centenário do seu nascimento, e também está inserido no acordo

de cooperação cultural e científica entre a UERJ e a Universidade La Sapienza, de Roma. De caráter multidisciplinar, o livro é composto por artigos que revelam diversas faces da obra e do pensamento do padre jesuíta

que marcou a história da Igreja, da política, da sociedade e das letras do século XVII, tanto na Europa como nas colônias do continente americano.



HISTORIOGRAFIA E NAÇÃO NO BRASIL

Manoel Luiz Salgado Guimarães

Produzida originalmente em alemão, a obra revela aspectos da construção do Estado nacional brasileiro tendo como objeto de análise as narrativas construídas ao longo desse processo.

O livro faz avançar reflexões sobre a produção historiográfica no Brasil ao longo do século XIX e esboça um quadro geral dos trabalhos realizados pelo Instituto Histórico e Geográfico

Brasileiro (IHGB) entre 1838 e 1857 pontuando o lugar que o pensamento histórico ocupou durante o Império.



HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: ENSINAR & ESCREVER

José Gondra e José Cláudio Sooma Silva (org.)

A coletânea reúne 12 artigos de professores e pesquisadores que refletem sobre as lutas e tensões que estão no centro dos processos de configuração e legitimação do campo da história da educação na América

Latina. Partindo da premissa de que contingências do presente interferem na construção (e na escrita) do passado, os autores exploram a relação entre história, historiador e historiografia e localizam in-

tervenções e inventividades na formação dos discursos sobre ensino e escrita que constroem a história da educação na região.



HISTÓRIA DA ARTE – ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS

Roberto Conduru (org.)

Uma aproximação da história da arte com a crítica e o olhar sobre a cultura por meio da confluência com outras áreas do conhecimento – como a antropologia, o desenho industrial, as letras e a

semiologia – é a proposta desta coletânea. Pretende, assim, transcender os limites tradicionais do ensino e da pesquisa acadêmica. Os vários capítulos observam a história da arte sob uma perspec-

tiva multifocal, entendendo-a como campo múltiplo e aberto em relação aos seus objetos e aos diálogos estabelecidos com outras disciplinas.



Medicina

Hospital Universitário é referência em cirurgia reconstrutora genital

Em 2003, o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), em cooperação com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou por determinação judicial a primeira cirurgia reconstrutora genital em paciente transexual no Brasil. Os números oficiais mais recentes contabilizam 129 pacientes (116 do sexo masculino e 13 do feminino) e 47 cirurgias realizadas desde então. O Hospital é hoje uma das quatro unidades de saúde que fazem cirurgias de transgenitalização pelo Sistema Único de Saúde (SUS), junto com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre da UFRGS, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do Hospital das Clínicas de Goiânia da Universidade Federal de Goiás.

Como as cirurgias desse tipo requerem equipe multidisciplinar, o cirurgião responsável pelos procedimentos no HUPE, o professor da Faculdade de Ciências Médicas Eloísio Alessandro da Silva, criou e coordena o Grupo de Estudo de Urologia Reconstrutora Genital (GEN), que tem entre seus objetivos facilitar a inclusão social e melhorar a qualidade de vida dos pacientes, realizar estudos científicos e formar recursos humanos especializados. Participam do grupo profissionais das áreas de Psiquiatria, Psicologia, Assistência Social, Enfermagem, Direito, Cirurgia Plástica, Endocrinologia, Ginecologia, Otorrinolaringologia e Genética Médica. Registrado no CNPq, o GEN desenvolve atividades de iniciação científica e de residência médica e funciona como espaço para troca de informações entre os seus integrantes, que até a sua criação se comunicavam por meio do prontuário dos pacientes.

Urologia

O professor Alessandro da Silva explica que uma Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) determina que são necessários, no mínimo, atendimentos clínico, cirúrgico, de saúde mental (por psiquiatra e psicólogo) e de serviço social. Pacientes soropositivos também demandam apoio da infectolo-



gia: “Com o tempo, percebemos outras necessidades dos pacientes e aumentamos esse contexto multidisciplinar. Hoje, o grupo engloba outras áreas além das previstas pelo Conselho. A característica multidisciplinar corresponde a disciplinas já existentes em um hospital de alta complexidade como o nosso, com o elemento facilitador de uma instituição acadêmica”. Para o professor, a atividade não é exclusivamente assistencialista: “Trabalhamos também a docência, porque há uma gama considerável de profissionais que não tiveram acesso a essa formação e precisam de algum tipo de capacitação. Os atendimentos também geram produção acadêmica, o que completa o ciclo do conhecimento produzido e transmitido na universidade, por meio da investigação, da docência e da assistência”.

Realizar essas cirurgias, na opinião do professor, está entre as funções da Universidade, e representa um atestado de inclusão e respeito à diversidade. Ele acredita que para o Hospital e a FCM é certificado de qualidade da instituição

e dos recursos humanos que possui, enquanto para a UERJ a evidenciação do seu papel de vanguarda. E explica: “Um programa desse tipo exige profissionais capacitados em várias áreas e instalações adequadas. O trabalho tem alta repercussão social porque estimulamos a discussão sobre gênero e tolerância, o que extrapola a atuação como profissional da área de saúde. Com a transexualidade, tivemos a oportunidade de unir disciplinas que teoricamente são tão diferentes”. Por esses motivos, a UERJ é hoje procurada por instituições brasileiras e estrangeiras e por pesquisadores de áreas como Antropologia, Letras e Fonoaudiologia. A Urologia tem um programa de treinamento no qual o médico passa um ano acompanhando cirurgias reconstrutoras de crianças, adolescentes e adultos realizadas pelo Hospital. Até agora foram formados oito cirurgiões.

Alexandro da Silva identifica na questão estrutural, para aumentar o número de atendimentos, um dos desafios da atividade desenvolvida. Outra barreira apontada pelo médico é a portaria do

Ministério da Saúde relativa às cirurgias, que não contempla a hormonioterapia. Isso faz com que nem todos os pacientes tenham condições financeiras para adquirir os hormônios essenciais no processo transexualizador, que devem ser usados o resto da vida. Alguns pacientes recorrem à Justiça para garantir o seu recebimento. O perfil dos pacientes mudou ao longo dos anos: no início, a maioria vinha de classes sociais mais baixas; hoje o Centro é procurado por pessoas das classes média e alta. Os pacientes vêm de outros estados e também do exterior.

Psiquiatria

Outro integrante do GEN, o psiquiatra Miguel Chalub explica que os transexuais nascem com as características físicas de um gênero, mas possuem sentimentos e atitudes do sexo oposto. “São pessoas que notam na infância que são diferentes. Os meninos começam a perceber que não gostam das brincadeiras dos outros meninos, se identificam com as meninas, ao ponto de deixar o cabelo

crescer e usar roupas femininas. No início, a repressão é muito grande por parte da família, que considera algo vergonhoso, pecaminoso ou obsceno. Isso faz com que eles se sintam infelizes e angustiados. Quando começam a ficar independentes, assumem mais a identidade, o que também gera problema até as famílias aceitarem”, esclarece. Chalub afirma que geralmente as mães tendem a aceitar mais que os pais a opção dos filhos transexuais. Os encontros dos pacientes com o psiquiatra são realizados a cada três meses e para serem submetidos à cirurgia, não podem apresentar qualquer tipo de transtorno mental. Dos pacientes que passaram pelo seu consultório, diz o professor, apenas dois tiveram o pedido de cirurgia recusado. Depois do aval do psiquiatra, a cirurgia pode ser marcada e o tempo de espera geralmente é de 36 meses.

Enfermagem

Há 25 anos como enfermeira do Hospital Universitário e 12 anos como professora da Faculdade de Enfermagem, a chefe da Enfermaria da Urologia, professora Cristiane Amorim, conta que antes a preocupação era fazer com que os pacientes se sentissem à vontade, inclusive tratando-os pelo nome social, como determina a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde do SUS: “Percebíamos que a maioria chegava e se isolava com medo da recepção, porque viveram um longo processo de exclusão e preconceito”. Atualmente esse comportamento mudou. O trabalho com a equipe consiste em reuniões para explicar e debater assuntos como transexualidade, preconceito e direitos. Cristiane também trabalhou pela inserção do assunto no currículo acadêmico, ao abordar o tema na disciplina Saúde do Homem, no 5º período de Enfermagem. Agora lecionando para o nono período, a professora segue na abordagem temática. Ela também chama atenção para o tratamento pós-cirurgia: “O grande desafio ainda é a capacitação, assim como a igualdade de direitos e justiça de acesso”. Outro ponto destacado é o fato de os pacientes terem de arcar com medicamentos e próteses. Depois da cirurgia, a enfermagem orienta os pacientes especialmente sobre higienização.

Serviço Social

O professor da Faculdade de Serviço Social Guilherme Almeida enfatiza que o processo transexualizador vai além da cirurgia. Num primeiro momento, ocorre a construção do diagnóstico, mas também de preparação para as transformações físicas e sociais, que incluem a relação com colegas de trabalho, amigos e familiares. Ele explica que a contribuição do serviço social inclui o encaminhamento à justiça gratuita, a resolução de conflitos familiares, a orientação para recebimento de benefícios sociais e o ingresso no mercado de trabalho. No período de realização das cirurgias, os profissionais do serviço social também orientam sobre o recebimento de benefícios do INSS e no tratamento de outras doenças. O professor assessora a equipe do Hospital por meio do Programa de Atenção Integral a Saúde do Adulto (Pasa), coordenado por Elizabeth da Luz Marques: “Foi uma demanda do serviço social para que pudéssemos aprofundar essas questões porque é um público que traz desafios novos para o sistema de saúde e para a nossa profissão. Até há pouco tempo não discutíamos o assunto”.

Direito

Integrante do Grupo e pesquisadora há uma década desse campo, a professora do departamento de Direito Civil da Faculdade de Direito Heloísa Helena Gomes Barboza afirma que ainda não há entendimento na área jurídica e legislação específica sobre o assunto. As decisões variam conforme o juiz ou promotor. O processo para mudança do nome e do sexo na documentação dos transexuais (requalificação civil) leva de três a quatro anos: “No levantamento que fiz me surpreendi ao constatar que 51% das decisões eram favoráveis à troca de nome, nem todas de sexo. As decisões são variadas como os fundamentos”. Ela cita como exemplo a Espanha, onde uma lei permite a troca do nome e do sexo durante o tratamento, sem necessidade prévia de cirurgia. Heloísa Helena explica que no Brasil o processo normalmente começa na Vara de Família e posteriormente segue para o Tribunal de Justiça, órgão de segunda instância: “Na primeira instância temos um juiz, que chamamos de juiz mono-

crático. O Ministério Público também funciona nesses processos dando pareceres e recorrendo. Há ainda o que chamamos de instância superior, formada pelo Superior Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal, ainda que este trabalhe apenas com a constitucionalidade ou não de determinada decisão”, esclarece.

Legislação

Entre 1997 e 2002 as cirurgias de transgenitalização foram autorizadas pelo Conselho Federal de Medicina, em caráter experimental, em hospitais universitários ou públicos adequados para a pesquisa. A partir de 2002, a Resolução CFM 1.652/02, revogou a anterior e autorizou as cirurgias do tipo neocolpovulvoplastia (do sexo masculino para o feminino) e a neofaloplastia (do feminino para o masculino), a última ainda em caráter experimental. Antes de 1997, os transexuais brasileiros recorriam a hospitais no exterior ou a centros clandestinos, já que esse tipo de cirurgia era proibido no país. Nova Resolução do CFM em 2010 revogou a anterior e estabeleceu, entre outros pontos: 1) a autorização para as cirurgias de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo; 2) a autorização, a título experimental, da realização de cirurgia do tipo neofaloplastia; 3) que a definição de transexualismo obedecerá, no mínimo, a critérios como desconforto com o sexo anatômico natural; 4) que a seleção dos pacientes obedecerá a avaliação de equipe multidisciplinar após no mínimo dois anos de acompanhamento, além de diagnóstico médico; 5) idade superior a 21 anos e ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia. Segundo o professor Alessandro, o transexualismo consta da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) codificado como F64.0, mas no Brasil não há dados oficiais sobre o número de transexuais: “Intuímos que essa demanda seja reprimida, mas é grande. Nosso programa está sobrecarregado. Por enquanto, não estão sendo aceitas novas inscrições, que só abrem no início de cada ano”.

UM EXEMPLO

A baiana com jeito tímido, cabelos longos e escuros, feições e voz femininas é uma das pacientes que estão à espera da cirurgia no HUPE. Suelen, 23 anos, está no Rio de Janeiro há cerca de seis meses e prefere não revelar seu nome de batismo. Ela conta que começou a notar ‘algo diferente’ por volta dos 12 anos: “Desde criança sempre gostei de brincadeiras de menina. Pegava as camisolas da minha mãe e botava na cabeça para fingir que tinha cabelo grande. Na época da escola, por ter a voz fina, recebia apelidos dos colegas. Cheguei a tentar mudar o meu jeito, engrossar a voz, porque tinha vergonha de apresentar trabalhos”, relata. Ela recebeu apoio de uma amiga mais velha para conversar com os seus pais. Apesar da dificuldade encontrada dentro de casa, diz que com o tempo a família aceitou, com exceção do um irmão mais jovem. Antes de vir para o Rio, ela tentou se submeter à cirurgia no Hospital das Clínicas de Salvador, sem sucesso. Depois da mudança para o Rio ela recebeu orientações para se dirigir ao Hospital. Hoje a paciente não trabalha pelo constrangimento provocado pelo seu nome masculino – neste momento está recorrendo à Justiça para alterar oficialmente o nome enquanto aguarda a cirurgia.

LIDIS

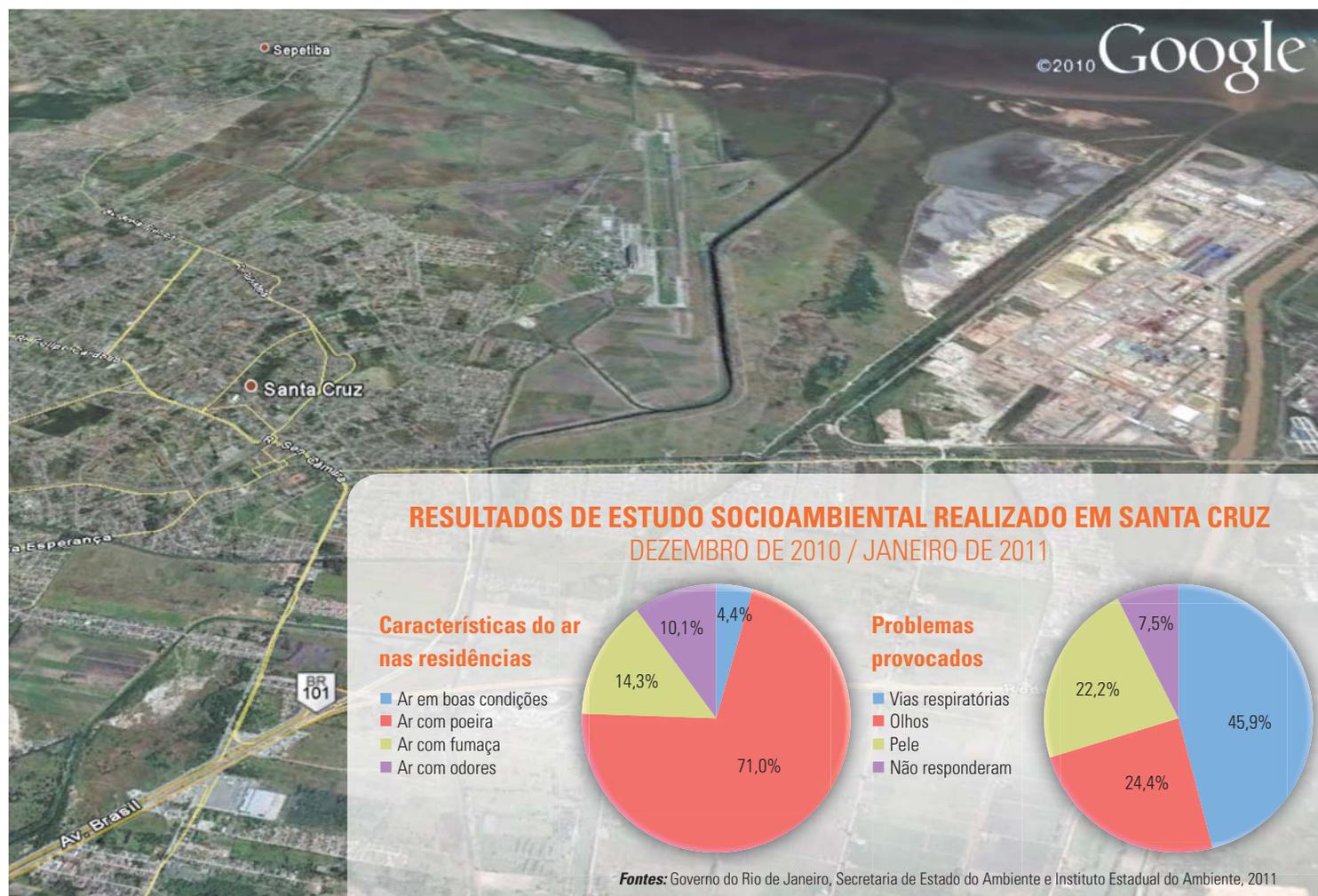
No dia 9 de maio a UERJ lançou o programa de extensão Laboratório Integrado em Diversidade Sexual, Políticas e Direitos – Lidis, coordenado pela professora Anna Uziel, do Instituto de Psicologia. O Laboratório tem entre as suas propostas a promoção de estudos, programas de estágio, projetos e pesquisas relacionados a temas como sexualidade, políticas públicas e direitos humanos, além da realização de seminários, congressos, minicursos, encontros e colóquios como forma de socializar o conhecimento produzido nesse campo entre professores pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação. A criação do Lidis foi motivada pelo projeto Rio sem Homofobia, da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos. Vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura, o Laboratório Integrado reúne cinco unidades acadêmicas: Instituto de Psicologia, Faculdade de Serviço Social, Instituto de Medicina Social, Faculdade de Direito e Faculdade de Enfermagem.

Danos causados pela poluição é tema de estudo de grupo na zona oeste do Rio

Instalada em junho de 2010 no bairro de Santa Cruz, zona oeste da cidade, a Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA) tem sido objeto de críticas e denúncias da população local. Entre as reclamações está a emissão de grande quantidade de pó metálico, que causam problemas respiratórios, dermatológicos e oftalmológicos e levou a empresa a ser multada e estar obrigada a cumprir várias exigências, que nunca aconteceram.

Resolução de janeiro de 2011 da Secretaria de Estado do Ambiente criou um grupo de trabalho para avaliar os danos à saúde causados pela emissão de fuligem na atmosfera. A comissão, presidida por Luiz Roberto Tenório, médico e assessor da Reitoria da Universidade e também do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), é formada por 12 integrantes que representam duas secretarias estaduais (de Meio Ambiente e de Saúde), uma secretaria municipal (de Saúde e Defesa Civil), duas universidades (UERJ e UFRJ) e um centro de pesquisa (Fiocruz). O grupo tem entre as suas atribuições coletar informações, documentar fatos vinculados ao lançamento de partículas, avaliar os dados coletados, apontar medidas para melhorar o quadro clínico da população e acompanhar a evolução dos casos. Representam a UERJ no grupo Ubirajara Mattos (Faculdade de Engenharia), Washington Junger (Instituto de Medicina Social) e Isabel Gomes (Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho).

Entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011 o INEA realizou estudo socioambiental em Santa Cruz para identificar os problemas causados pela poluição do ar. Foram entrevistados 411 moradores em 20 comunidades e os resultados mostraram que 86,8% dos que responderam à pesquisa não consideram boa



a qualidade do ar na região; 71% disseram que o ar está com poeira, 14,3% com fumaça; 10,1% com odores; 43,4% afirmaram que o incômodo causado pela poluição do ar tem origem na Companhia Siderúrgica do Atlântico; 14,5% é procedente de outros locais e 42,2% não souberam ou não quiseram responder. Além disso, 86,2% informaram que o incômodo causado pela poluição do ar causa algum efeito sobre a saúde de crianças e idosos; e 45,9% citaram que os maiores incômodos são nas vias respiratórias; 24,4% nos olhos e 22,2% na pele.

Para Luiz Roberto Tenório não existe ainda um exame laboratorial que comprove a intoxicação pela fuligem expelida pela CSA. Mas a análise de dados obtidos em investigações epidemiológicas, que estudam quantitativamente a ocorrência de doenças em uma determinada população, permite afirmar que

os moradores da região de Santa Cruz tiveram uma piora no perfil epidemiológico de morbidade, que é o percentual de casos de enfermidades existentes: “Estamos tentando checar quantos casos de doenças como asma infantil e eczema seborreica existiam há alguns anos naquela população e quantos são registrados agora”, explica.

A CSA afirma que a fuligem é composta por 30% de ferro e 70% de carbono. No entanto, a Fiocruz coletou uma quantidade do pó expelido pela siderúrgica e enviou para análise na Embrapa. O exame constatou que, além do ferro e do carbono, havia também uma quantidade mínima de metais pesados como cobre, chumbo, manganês e zinco. “Esses percentuais não eram considerados tóxicos, mas como médico do trabalho identifiquei que o problema é o tempo de exposição a esse metal. Se população e funcionários

da empresa estão expostos há um tempo – e ainda ficarão por mais alguns anos – as patologias ligadas a pneumoconiose (doença pulmonar provocada pela inalação de metais pesados) vão aparecer em até dez anos”, analisa Tenório. Ele acrescenta que a intenção dos estudos e análises não é fechar a empresa, mas evitar problemas de poluição causados por ela: “O desenvolvimento não pode se dar à custa de danos à natureza e à saúde. Queremos ter no estado uma siderúrgica do porte da CSA, que traz divisas e empregos, desde que com respeito ao meio ambiente, à saúde dos moradores e dos trabalhadores que lá estão”.

Doutoranda do programa de pós-graduação em Meio Ambiente da UERJ, Vera Maciel Lopes desenvolve pesquisa que analisa a organização social e a capacidade de resistência dos pescadores artesanais da Baía de Sepetiba frente às ações de

grandes complexos industriais, como a CSA, sobre os territórios da pesca. Orientada pelo professor Ubirajara Mattos, a doutoranda registrou para o seu trabalho queixas dos pescadores, que vão de questões ambientais a sociais. “Eles consideram que a ação dos complexos industriais na Baía de Sepetiba, especialmente da CSA, tem provocado alteração no ciclo reprodutivo da fauna e no regime tradicional de uso e ocupação do território, entre outros problemas.” Desde a instalação da empresa cerca de 8.000 famílias de pescadores tiveram sua subsistência prejudicada. Em abril deste ano, a Assembleia Legislativa instaurou uma Comissão para investigar a poluição do ar causada pela siderúrgica e apurar possíveis irregularidades no processo de concessão de licenciamento ambiental para a implantação da siderúrgica na região.

Rede colaborativa

“Hackers para o Bem” atuam no combate aos desastres climáticos no estado do Rio

Faculdade de Geologia e Defesa Civil estadual propuseram o desafio

As invasões organizadas a mais de 200 sites do governo brasileiro foram destaques na mídia nacional e internacional em junho. *Hackers* violaram sistemas, conseguiram acesso a dados confidenciais e paralisaram várias redes oficiais. Casos de brasileiros que tiveram senhas de contas de banco alteradas e roubadas pelos “piratas” da internet não são recente nem poucos. Pensando no potencial cibernético desperdiçado para ações do mal, organizações como Microsoft, Yahoo, Google, Banco Mundial e NASA se associaram em 2009 e reuniram especialistas, entre os quais *hackers* e designers, para trabalharem a favor da sociedade. Essas empresas partiram da constatação de que

existem muitos problemas enfrentados pelo planeta superiores a qualquer competição corporativa. Assim, com o desafio de encontrar caminhos e soluções para os desastres provocados por fenômenos climáticos em todo mundo, criaram o projeto *RHoK – Random Hacks of Kindness (Hackers para o Bem)*.

O projeto mundial reúne a cada seis meses conhecedores de gestão de risco e desastres, programadores e designers. O encontro ocorre simultaneamente em 20 cidades de diferentes países e o último deles, nos dias 4 e 5 de junho, teve São Paulo como umas das cidades-sedes. Durante o encontro na capital paulista a Faculdade de Geologia da UERJ, junto com a Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro, propuseram aos participantes o

desafio de desenvolverem um programa que pudesse auxiliar no combate a desastres climáticos de grandes proporções, como o que ocorreu em janeiro na região serrana. “A ideia é que o programa seja instalado em dispositivos móveis – celular, notebook, tablet. Agentes comunitários e da Defesa Civil poderão registrar por meio de fotografias indícios de perigo ou risco para comunidade, como rachaduras nas casas e deslizamentos de terra. Imediatamente, por meio do *software*, esse registro é encaminhado a um servidor de dados da Defesa Civil, que a partir dessa informação saberia o local que necessita uma vistoria técnica completa. Verificado um alto

número de ocorrências em uma mesma região, o servidor emitirá um alerta aos agentes

comunitários para que avisem toda a comunidade”, explica o professor Francisco Dourado, da Faculdade de Geologia.

Aceito o desafio, os *Hackers para o Bem* começaram a desenvolver o programa usando código aberto, que pode ser modificado e adaptado a diferentes situações. José Augusto Sapienza Ramos, representante da equipe da Universidade no *RHoK*, esclarece que o evento tem como meta agrupar esses especialistas por um período que ultrapasse os dois dias do encontro: “A ideia é que se desenvolva de modo contínuo. O desafio fica publicado no site e qualquer pessoa que se cadastrar pode propor soluções”. Apesar da permanência na página da web, o *software* está em processo de finalização pelo grupo da UERJ. O aplicativo pretende agilizar a comunicação entre a Defesa Civil e

a comunidade que sofre com os impactos climáticos. A intenção é fazer com que a população participe do processo de monitoramento porque é impossível para o poder público fiscalizar todas as áreas de risco.

Soluções que saíram do *RHoK*, como o aplicativo “*I’m ok*”, utilizado depois do terremoto no Haiti por empresas e pela Organização das Nações Unidas para saber a situação dos seus funcionários, foram incentivos para a participação da equipe da Universidade no desafio proposto: “fomos para São Paulo propor um problema porque queríamos, por meio desse grupo de pessoas interessadas e *superfissuradas* em tecnologia, buscar novas e simples soluções como a do programa *I’m ok*, com o estabelecimento de um ambiente de trocas”, explica José Augusto.



Pesquisa

Laboratório de Micologia Celular e Proteômica estuda doenças causadas por fungos

Em junho de 2000 o mapeamento do genoma humano foi anunciado como um dos maiores avanços da ciência. Isso possibilitou à biotecnologia progressos na área de medicina preventiva, como também a evolução da genética e a popularização dos exames de DNA. Acreditava-se que esse mapeamento seria a chave para descoberta, diagnóstico e cura de doenças como câncer, diabetes e hipertensão. Mas os cientistas perceberam que o genoma – conjunto de genes de um organismo – não trouxe todas as respostas esperadas, uma vez que os processos orgânicos são dependentes de outras substâncias, como as proteínas, responsáveis pelo funcionamento das células. Ao contrário dos genes, constantes em toda a fase de nossas vidas, as proteínas sofrem alterações ocasionadas por estímulos externos como estresse nervoso e ação de medicamentos ou de acordo com os ambientes aos quais o indivíduo está exposto. O estudo das proteínas, denominado proteoma (o equivalente proteico do genoma) é considerado pelos especialistas uma evolução para a compreensão da biologia humana. A análise da natureza dinâmica dessas proteínas, denominada proteômica, requer um conjunto de tecnologias de ponta, com aparelhos de alto custo e profissionais capacitados.

Na UERJ, o trabalho nessa área é desenvolvido no âmbito do Laboratório de Micologia Celular e Proteômica, que se concentra na realização de estudos sobre doenças infecciosas e tem como linhas de pesquisa o desenvolvimento de testes moleculares e imunológicos para diagnóstico de infecções fúngicas; a utilização de tecnologias proteômicas para o estudo da biologia celular dos fungos patogênicos *Sporothrix schenckii* (esporotricose), *Candida*



glabrata (candidíase) e *Aspergillus fumigatus* (aspergilose invasiva); e os estudos da interação de *A. fumigatus* com células endoteliais humanas.

Dentre essas investigações, a aspergilose invasiva é um dos destaques da unidade proteômica da Universidade. O objetivo é prospectar um marcador para diagnóstico precoce da doença, causada por um fungo (*aspergillus*) disperso no ar, que em pessoas saudáveis pode originar, no máximo, um quadro de sinusite e alergia. Em pacientes com neutropenia profunda e prolongada (diminuição no número de neutrófilos – células responsáveis pela defesa ou imunidade inata do organismo), o fungo é responsável por infecções cujo índice de mortalidade chega a mais de 70%, mesmo em pacientes tratados, como informa Leila Lopes Bezerra, coordenadora do Laboratório e vice-diretora do Instituto de Biologia. Homens e mulheres de unidades hematológicas que realizaram transplante de medula óssea ou apresentam quadro de leucemia aguda fazem parte do grupo de risco. “Em geral, o tempo decorrido entre a infecção invasiva causada pelo *A. fumigatus* até a morte é de apenas duas semanas. Trata-se de uma doença grave e

de curso rápido, ainda sem método de diagnóstico precoce. Por isso, quanto mais cedo pudermos diagnosticar, mais rápido o paciente poderá receber a terapia antifúngica, fazendo com que a possibilidade de sucesso no tratamento seja maior”, explica a professora.

Outra doença pesquisada na unidade proteômica da UERJ é a esporotricose – micose subcutânea causada pelo fungo *sporothrix*. Desde 1998, o estado do Rio passa por um surto epidêmico da doença e, segundo a professora Leila, a incidência de casos está aumentando. Nesse contexto, alguns pacientes apresentam formas mais graves da enfermidade, chamadas de formas extra-cutâneas. A esporotricose também atinge animais e sua transmissão é feita por inoculação traumática, ou seja, o indivíduo pode contrair a doença com o arranhão de um gato infectado (transmissão zoonótica), por exemplo. Estudos realizados na Espanha em 2007 descobriram cinco espécies patogênicas.

A unidade proteômica da UERJ em conjunto com a Universidade Federal de São Paulo – Unifesp e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, analisa três dessas

espécies que circulam no Brasil: *S. schenckii*, *S. brasiliensis* e *S. globosa*. As análises tem como objetivo descobrir antígenos para cada um desses fungos: “Trabalhamos com cepas (isolado do fungo) de diferentes regiões fazendo o que chamamos de imuno proteômica, ou seja, o mapa proteômico do fungo reconhecido por anticorpos do hospedeiro. Mapeamos antígenos incubando com soro de pacientes que possuem as diversas formas de doença”, diz Leila Bezerra. Uma parceria com o setor de micologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto está prospectando um novo método de diagnóstico sorológico desenvolvido no Laboratório. Por meio dessas investigações, o Laboratório de Micologia Celular e Proteômica – que conta com equipamentos de última geração e com a participação de cerca de 14 pessoas, entre pesquisadores de pós-doutorado, doutorandos, mestrands e bolsistas de iniciação científica, assistidos por dois servidores técnico-administrativos – pretende contribuir para a descoberta de métodos diagnósticos e de prospecção de doenças e, assim, para a evolução da saúde pública no Rio de Janeiro e em outras regiões do País.

Trabalho em rede

A Rede Proteômica (Proteoma-Rio) foi criada em 2001 pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro para desenvolver pesquisas na área. Recebeu apoio da Faperj e aproveitou o conjunto de laboratórios e a experiência de pesquisadores especializados em química de proteínas existentes em diferentes instituições da cidade, entre as quais a Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz; a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF; e a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A UERJ foi incorporada à Rede cinco anos depois, em 2006, junto com o Instituto Nacional de Câncer – INCA. Hoje, a Rede tem como parceiras a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, a PUC Rio e a unidade de ressonância magnética da UFRJ. Apesar de existirem no País outras unidades que estudam química de proteína, a Proteoma-Rio é a única que desenvolve trabalhos em rede, de forma conjunta, na qual cada unidade desenvolve sua própria linha de pesquisa e abordagem metodológica. A Rede se efetivou por meio da troca de experiências e conhecimentos técnicos entre os grupos, que também compartilham estratégias de formação de recursos humanos, com os aparelhos de cada unidade à disposição dos integrantes da Rede.

A Universidade teve reconhecida a sua contribuição para as pesquisas na área da proteômica com a eleição por unanimidade, em maio deste ano, da professora Leila Lopes Bezerra para o cargo de coordenadora geral da Rede para o período 2011-2013. Segundo a professora, “o reconhecimento é do esforço de toda a equipe da UERJ e da evolução do Instituto de Biologia, que está se desenvolvendo de modo empreendedor”.